

La Comédiathèque

QUARENTENA

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Quarentena

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Quatro pessoas que não se conhecem são colocadas, contra a sua vontade, em quarentena no que acaba por revelar-se um teatro abandonado. Por detrás de um vidro imaginário, o público observa-as. Os presumíveis doentes interrogam-se: com que vírus poderão ter sido contaminados? Que riscos correm exatamente? Quando e como acabará tudo isto? Aos poucos, percebemos que este isolamento decorre num futuro próximo, em que o Grande Irmão controla tudo, e que o motivo da quarentena talvez não seja estritamente médico.

Personagens:

Dom

Pat

Max

Sam/Kim

O sexo das personagens é indiferente, e todas terão um aspeto unissexo, quase uniforme. Os intérpretes poderão trocar de papéis durante o espetáculo, uma vez que cada personagem é identificada pelo vestuário (batas de paciente azuis, cor-de-rosa ou verdes, bata branca de profissional de saúde, fato preto de gola à Mao). Nesta versão, Dom e Max são homens e Pat e Sam/Kim são mulheres.

© La Comédiathèque

Ato 1

O palco poderá ficar vazio, à exceção de três cadeiras. Dom entra com passo hesitante. Usa uma daquelas batas (azuis, cor-de-rosa ou verdes) que se dão aos doentes nos hospitais. Olha à sua volta, intrigado, até descobrir, estupefacto, a presença dos espectadores. Aproxima-se para os observar, inquieto. Pat, vestida da mesma maneira, entra atrás dele.

Pat – Bom dia.

Sobressaltado, Dom volta-se e vê Pat.

Dom – Pregou-me um susto...

Pat – Desculpe... Então também...

Dom – Sim...

Um momento de embaraço.

Pat – Já nos vimos, não foi?

Dom – Acho que estávamos na mesma carruagem.

Pat – Carruagem 13, é isso! Não sei se terá alguma coisa a ver...

Dom – Alguma coisa a ver? Com o número 13, quer dizer?

Pat – Com estarmos aqui os dois! Porque vínhamos na mesma carruagem...

Dom – Não sei. Para dizer a verdade, não faço a menor ideia de porque é que estamos aqui.

Pat – Nem eu. Não percebo nada. Quando saí do comboio, dois agentes pediram-me que os seguisse...

Dom – Tem a certeza de que eram polícias?

Pat – Acho que sim... Usavam máscara. Quer dizer, não uma máscara... Uma daquelas dos hospitais. Fizeram-me entrar numa ambulância e...

Dom – Numa ambulância, tem a certeza? É que, se eram polícias...

Pat – Digamos... uma carrinha, então.

Dom – Uma carrinha da polícia medicalizada.

Pat – Isso mesmo... Trouxeram-me até aqui e... disseram-me para esperar. E a si?

Dom – O mesmo... Portanto, também não lhe explicaram nada.

Pat – Disseram-me para esperar.

Dom – E... não ouviu mais nada?

Pat – Não... *(Pausa)* Acho que ouvi a palavra «quarentena».

Dom – Ah, sim...?

Pat – Também ouviu?

Dom – Não propriamente...

Pat – É o mais provável, não acha?

Dom – Uma quarentena, sim... Que outra coisa poderia ser?

Pat – Isso explicaria as máscaras.

Dom – Sim... E agora, que fazemos?

Pat – Esperamos... Foi o que nos disseram, não foi? Que esperássemos.

Uma pausa.

Dom – Uma quarentena... Se isto durar mesmo quarenta dias... Espero que nos deem alguma explicação antes.

Pat – Chama-se quarentena, mas... não tem necessariamente de durar tanto. Depende da doença.

Dom – Acha que se trata de uma doença?

Pat – Que outra coisa poderia ser? Se nos puseram de quarentena...

Dom – Sim... Deve ser um vírus.

Pat – Muito contagioso, imagino.

Dom – Sim... De certeza.

Pat – Eu não tenho sintomas nenhuns. E o senhor?

Dom – Não, eu também não.

Pat – Mas isso... não quer dizer que não estejamos doentes. Depende do período de incubação.

Dom – É médica?

Pat – Ordenadora.

Dom – Ordenadora?

Pat – Antigamente chamavam-nos informáticos, creio eu.

Dom – Ah, está bem... Portanto, de vírus percebe...

Pat – Sobretudo, tenho três filhos... E o senhor?

Dom – Não tenho filhos.

Pat – Não, quero dizer... Também não é médico.

Dom – Sou formador.

Pat – Formador...

Dom – Antigamente dizia-se professor, creio eu. Amanhã talvez se diga... domador.

Pat – Estou a ver...

Dom – Ah, sim? E o que é que vê?

Pat – Não, quero dizer... Percebe ainda menos de vírus do que eu...

Uma pausa.

Dom – E então, o período de incubação depende do vírus?

Pat – Exatamente... Às vezes, os primeiros sintomas surgem uma semana depois do contágio. Outras vezes antes, outras depois.

Dom – Para quem não é médica, parece saber muito sobre a propagação das epidemias...

Pat – Já lhe disse, tenho três filhos. Quando um adoece, é raro os outros dois não adoecerem poucos dias depois.

Dom – Mas nós não estamos doentes!

Pat – Podemos ser contagiosos muito antes de nos sentirmos doentes.

Dom – Sim... Se formos mesmo portadores do vírus.

Pat – Daí a quarentena, provavelmente... Mas suponho que nos irão explicar tudo.

Dom – Sim, suponho...

Entra Max, vestido como eles.

Dom – Ah... Quanto mais loucos...

Pat – Quanto mais loucos...?

Dom – Era uma expressão que se usava antigamente... Quanto mais loucos... Não, esqueça...

Pat – Talvez este senhor nos possa esclarecer.

Max, visivelmente desorientado, aproxima-se do público.

Dom – Não apostava nisso. Não me parece muito lúcido.

Pat – Bom dia.

Max – Ah, bom dia... Eu... Também acabei de chegar...

Dom – Como sabe que acabámos de chegar?

Max – Desculpe?

Dom – Disse: «Também acabei de chegar». Como sabe que nós acabámos de chegar? Podíamos estar aqui há semanas...

Max – Estão aqui há semanas?

Pat – Acabámos de chegar.

Max – Ah... Como eu, então... Foi o que eu disse.

Pat – Sim...

Max – E... sabem porque é que estamos aqui?

Dom – Estávamos à espera que o senhor nos dissesse...

Max – Não sei... Apanharam-me quando saí do comboio, sem explicação nenhuma. Como se eu não tivesse mais nada para fazer.

Pat – Nem me diga... Tenho três filhos à minha espera em casa. Para não falar do meu marido. E o senhor?

Max – Não sou casado. Tinha ido ao sul visitar a minha mãe ao hospital.

Dom – Também está doente?

Max – Partiu o colo do fémur.

Pat – Isso, pelo menos, não é contagioso...

Max – Pois, mas quem me vai pagar? Tenho duas obras para acabar até ao fim da semana...

Pat – Talvez nos indemnisem. Trabalha por conta própria?

Max – Sou canalizador.

Dom – E pensar que, quando precisamos de um, nunca aparece nenhum...

Max – Desculpe?

Dom – Não, nada...

Pat – Canalizador... Essa palavra diz-me qualquer coisa, mas já não me lembro bem do que significa.

Dom – Agora diz-se reparador.

Pat – Ah, sim...

Dom – O senhor é um reparador especializado. Repara tubos, canalizações, torneiras... Canalizador, como se dizia antigamente.

Max – Exatamente.

Dom – Portanto, também não sabe porque é que nos fecharam aqui?

Pat – Acha que estamos fechados?

Dom – Fechados ou não, se estamos de quarentena não podemos sair, pois não?

Max – Então acha que estamos de quarentena?

Dom – Segundo esta senhora, que é uma grande especialista no assunto, somos portadores de um vírus e somos contagiosos. Foi por isso que nos isolaram.

Max – Um vírus? Que vírus?

Pat – Bem... Deve ser um vírus desconhecido. Senão já havia vacinas e não nos tinham posto de quarentena.

Max – Está bem... Mas porquê nós? Sabe?

Pat – Devemos ter estado em contacto, sem o sabermos, com uma pessoa doente... Disse que foi visitar a sua mãe ao hospital?

Max – Por causa de uma fratura!

Pat – Sim... Mas os hospitais estão cheios de vírus, não estão? Toda a gente sabe...

Max – Agora ainda vai ser culpa minha...

Dom – Não se enerve, homem. Ninguém o está a culpar.

Pat – E se vamos ficar aqui fechados durante semanas, é melhor mantermo-nos unidos.

Max – Acha que nos vão manter aqui durante semanas?

Pat – Não sabemos. Por enquanto, não sabemos nada.

Uma pausa.

Max – E a senhora, como está?

Pat – Bem... Preferia ter voltado diretamente para casa, para junto do meu marido e dos meus filhos, mas enfim...

Max – Não, isso não me interessa. Quero dizer... Sente-se doente?

Pat (*ofendida*) – Por enquanto, não.

Max – E o senhor?

Dom – Estou bem. Mas... obrigado pela sua preocupação com a minha saúde.

Max – Eu também não, eu... Estou em plena forma.

Dom – Ainda bem, ainda bem... Ficamos muito contentes por si...

Max volta a olhar à sua volta.

Max – Sabem onde estamos exatamente?

Dom – Não... Não se via nada de dentro do carro funerário em que nos trouxeram. Tinha os estores corridos.

Max – Um carro funerário, tem a certeza?

Dom – Eu disse isso? Não, queria dizer uma viatura sanitária, evidentemente.

Pat – A viagem demorou apenas um quarto de hora. Não devemos estar muito longe da estação...

Max – Pois... Mas isto não é um hospital.

Pat – Não... Mas, como por enquanto não estamos doentes...

Max – Que estranho... Que lugar é este...? (*Dá uma volta pelo palco e fica imóvel ao descobrir os espectadores.*) E aqueles, quem são?

Pat – Aqueles? Quem?

Max (*apontando para o público*) – Aqueles!

Pat avança, semicerrando os olhos.

Pat – Não vejo nada... Com estas luzes... Estou a ficar encandeada...

Max – Ali! Toda aquela gente a olhar para nós!

Pat (*ao ver o público*) – Não... Mas o que é isto...? (*A Dom*) Já os tinha visto?

Dom – Sim... Foi a primeira coisa que vi quando entrei.

Pat – Podia ter-nos dito!

Dom – O quê?

Pat – Que nos estavam a observar! Que nos estavam a ouvir!

Dom – Esqueci-me completamente... Que diferença fazia? Não fizemos nada de mal, pois não? Nem dissemos nada de mal...

Pat – Assim espero...

Max – Eu não disse absolutamente nada.

Pat – É um pesadelo...

Max – Aham que conseguem ouvir-nos?

Dom – Diria até que estão aqui precisamente para isso.

Max – Para nos ouvir?

Pat – Para nos observar, pelo menos. Já que estamos em observação. Para ver como evolui a doença...

Max – Que curioso. Nós não os ouvimos.

Dom – Talvez porque não dizem nada.

Pat – Ou estão atrás de um vidro.

Max – Um vidro?

Pat – Como numa sala de interrogatório, sabem?... (*Semicerrando os olhos, encandeada pelos projetores.*) E com aquelas luzes apontadas diretamente aos nossos olhos...

Dom – Nunca estive numa sala de interrogatório. Pelo menos, até hoje.

Pat – Mas sabe como é. Do lado certo do vidro, conseguimos ver as outras pessoas sem que elas nos vejam.

Max – As outras pessoas?

Pat – Os suspeitos!

Max – Sim, mas aqui conseguimos vê-los.

Dom – De uma coisa tenho a certeza: se um dia acabar numa sala de interrogatório, não estarei do lado certo.

Max – O lado certo...? E qual é, na sua opinião?

Dom – O lado certo do vidro! Aquele de onde vemos sem ser vistos...

Max – Então, segundo o senhor, vão interrogá-los a eles... e nós estamos aqui para assistir.

Pat – Tem razão, isso não faz sentido. Nós não somos polícias...

Dom – Isso diz a senhora...

Pat – Desculpe?

Dom – Também parece saber muito sobre salas de interrogatório...

Pat – O que está a insinuar?

Dom – Não sei... Sabe quase tudo sobre vírus... Sabe como é uma sala de interrogatório. Não terá sido enviada por eles?

Pat – Eles? Não percebo...

Max – Podia ser uma infiltrada. Acho que é isso que este senhor está a insinuar. Uma espiã, para ser mais claro...

Pat – Acho que estamos todos a ficar loucos. Aquela gente deve ser pessoal médico. Está aqui para observar a evolução da nossa doença sem correr o risco de contágio.

Max – Podemos fazer de conta que não estão ali.

Dom – Exatamente. Fazemos de conta que não se passa nada... Como se não fôssemos cobaias num laboratório, vigiadas dia e noite por uma centena de especialistas que querem descobrir quanto tempo levaremos a morrer e de que maneira...

Entra Sam, vestida como os outros, por detrás deles.

Sam – Bom dia...

Pat – Talvez esta senhora nos saiba esclarecer... Bom dia, minha senhora, é médica?

Sam – Sou informadora.

Pat – Informadora?

Dom – Antigamente dizia-se jornalista, creio eu.

Max – Ah... Então é como nós.

Sam – São todos informadores?

Max – Não... Quero dizer que está na mesma situação que nós... Que não sabe porque é que nos trouxeram para aqui.

Sam – Lamento, mas não faço a menor ideia. Mal saí do comboio...

Dom – Sim, pronto, já sabemos...

Sam – Estou a responder-lhe... Se já sabem, para que é que perguntam?

Max – Mas nós não sabemos nada, acabámos de lhe dizer!

Sam – Também não é preciso irritar-se.

Max – Desculpe, tem razão.

Sam – Portanto, eu estava a sair do comboio e... uns polícias trouxeram-me até aqui. Não tenho mais informações. Não faço ideia de porque é que nos detiveram.

Dom – Disseram-lhe que estava detida?

Sam – Não, não expressamente, mas...

Pat – Eu ouvi antes a palavra quarentena. Pelo menos, foi o que percebi.

Sam – Talvez estivessem a falar da sua idade...

Dom – Estamos bem arrançados...

Sam – Se nos puseram sob custódia, deve haver uma boa razão.

Dom – Ah, agora estamos sob custódia policial?

Sam – Desculpe... Queria dizer em observação...

Pat baixa a voz e aponta discretamente para o público.

Pat – Portanto, também não sabe quem são todas aquelas pessoas que estão a olhar para nós...

Sam repara nos espectadores, mas não parece surpreendida.

Sam – Não...

Max – Então a senhora também vinha naquele comboio?

Sam – Carruagem 13. Lugar 40. E vocês?

Pat – 42.

Max – 41.

Dom – 43.

Sam – Então estávamos sentados uns ao lado dos outros.

Pat – Ou uns em frente dos outros.

Sam – Isso explicaria termos sido contagiados pela mesma pessoa... Mas por quem?

Sam lança um olhar desconfiado aos outros três. Perplexidade geral.

Pat – Temos um lindo aspeto com estas batas. Até parece que estamos num manicómio...

Max – Mas a loucura não é contagiosa... Ou é?

Sam – Seja como for, é melhor evitarmos o contacto físico.

Dom – Ah, porque tencionava...?

Pat – E evitemos tossir. Ou, pelo menos, tapemos a boca com a mão.

Dom – Então porque é que não nos deram máscaras? Se somos contagiosos.

Pat – Devem achar que entre nós já não vale a pena. Se já estamos todos condenados...

Sam – Condenados?

Pat – Desculpe, queria dizer contaminados.

Max – Nesse caso, também não serve de nada tapar a boca quando tossimos.

Dom – E podemos tocar uns nos outros, não é?

Sam – Antes disso, podíamos ao menos apresentar-nos. *(Estende a mão a Dom.)*
Sam.

Depois de hesitar por um instante, Dom aperta-lhe a mão.

Dom – Dom.

Fazem o mesmo com os outros dois.

Pat – Pat.

Max – Max.

Os quatro apertam as mãos com alguma apreensão. De repente, ouve-se um crepitar no altifalante, seguido de uma voz fora de cena.

Voz – Bom dia a todos. Estão a ouvir-nos?

Um momento de perplexidade.

Sam – Afirmativo. Recebemos cinco sobre cinco.

Dom – Bem, digamos quatro sobre cinco.

Voz – Antes de mais, pedimos desculpa por todos estes incómodos, infelizmente tornados necessários pela crise que todos enfrentamos. Tivemos de agir com urgência e não houve tempo para vos explicar claramente os motivos da vossa detenção... Quer dizer, da vossa retenção neste espaço de confinamento, para evitar qualquer contacto com o exterior...

Pat – E podemos agora saber em que consiste exactamente esta crise sanitária?

Voz – É um pouco difícil explicá-lo através de um altifalante. Mas não se preocupem. Em breve iremos ter convosco. Entretanto, faremos tudo para que não vos falte nada. À entrada há um frigorífico e armários bem abastecidos, para poderem comer. Há também uma porta que dá para um corredor com quartos, cada um com casa de banho e minibar. É tudo bastante simples, mas verão que têm tudo o que é preciso...

Dom – Tudo o que é preciso?

Voz – Até há matraquilhos.

Max – Podem ao menos dizer-nos quanto tempo vai durar isto tudo?

Pat – O meu marido e os meus filhos estão à minha espera em casa. Bem, sobretudo os meus filhos...

Voz – Fiquem descansados. As vossas famílias, entidades patronais ou clientes já foram avisados. Desejamo-vos uma boa estadia connosco e até muito breve.

Ouve-se outro estalido e regressa o silêncio.

Pat – Uma boa estadia?

Dom – Pronto, já está... É tudo... Só nos resta ficar calados e esperar...

Sam – É inacreditável...

Estupefação geral.

Pat – Vou ligar ao meu marido. Ao menos para o avisar. *(Tira o telemóvel.)* E talvez lá fora saibam mais alguma coisa... *(Carrega numa tecla e fica gelada.)* Não tenho rede... E vocês?

Dom tira o telemóvel.

Dom – Eu também não.

Sam – Devem ter um inibidor de sinal...

Max – Mas porquê?

Olham uns para os outros, perplexos.

Pat – Portanto, estamos mesmo isolados do mundo...

Dom – Que fazemos?

Sam – E que quer que façamos?

Uma pausa.

Max – Podemos comer.

Dom – Desculpe?

Max – Disseram-nos onde está a comida.

Dom – Portanto, estamos aqui sequestrados sem saber porquê, sem poder comunicar com ninguém lá fora, e este só pensa em comer...?

Max – Tem alguma ideia melhor?

Dom – Não...

Max – Então façam o que quiserem, mas eu estou cheio de fome...

Sai. Os outros três entreolham-se.

Sam – A verdade é que eu também tenho um bocadinho de fome...

Sam sai.

Dom – E a senhora, que acha?

Pat – Afinal... Também não ganhávamos nada em deixar-nos morrer de fome.

Ela sai. Depois de hesitar, ele segue-a.

Escuro.

Ato 2

A luz regressa ao palco. Dom e Pat andam de um lado para o outro, como leões enjaulados. Max observa-os tranquilamente enquanto come uma fatia de pizza.

Pat – Antes não éramos quatro?

Dom – Sim...

Pat – A quarta desapareceu...

Dom – Como se chamava?

Max – Kim.

Pat – Kim?

Dom – Sam, acho eu.

Max – Sam, isso...

Dom – Que terão feito dela?

Max – Talvez a tenham deixado sair.

Pat – Deixaram-na sair? E a nós, porque não?

Dom – Ou então morreu...

Pat – Morreu? Quer dizer... por causa daquela doença?

Dom – Não sei. *(A Max)* O que acha?

Max – Sim, pode ter morrido.

Pat – Vejo que isso não lhe tira o apetite...

Uma pausa.

Dom – Há quanto tempo estamos aqui?

Pat – Diria que há uma semana, não?

Max – Sete dias exatos.

Pat – Foi o que eu disse... Uma semana. Acho que estou a enlouquecer.

Dom – Eu também.

Pat – Loucos de atar, ainda não. Mas fechados, isso já estamos.

Max – Seja como for, disseram-nos para ficarmos aqui.

Dom – Disseram-nos? Quem?

Max – A Autoridade. Quer dizer, as autoridades sanitárias. Disseram-no pelo altifalante. Não ouviu?

Pat – Era apenas uma voz anónima saída de um altifalante...

Dom – É verdade. Afinal, o que sabemos nós? Se calhar fomos raptados...

Max – Por polícias?

Pat – Talvez fossem falsos polícias. Tinham a cara tapada...

Max – E por que razão haveriam de nos raptar?

Dom – Para exigir um resgate às nossas famílias? Eu não tenho família... E suponho que vocês também não sejam milionários.

Pat – Eu só tenho o meu apartamento, que continuará a pertencer ao banco até acabar de pagar o empréstimo, daqui a cinquenta anos. Duvido que o banco pagasse um resgate por mim... só para eu continuar a pagar as prestações.

Dom – Além disso, ninguém pediu um resgate.

Max – Pelo menos, que eu saiba.

Dom – Os nossos raptadores devem ter percebido que não éramos um negócio interessante e foram-se embora. Esqueceram-se foi de nos soltar...

Pat – Ou então é uma tomada de reféns. Uma tomada de reféns pode durar muito tempo. Às vezes, anos.

Max – Uma tomada de reféns?

Pat – Porque não? Fazem exigências e ameaçam matar-nos se as autoridades não lhes derem o que querem.

Max – Nesse caso, vocês estão tramados.

Dom – Vocês?

Max – Não, quero dizer... nós. Estamos tramados. Há muito que as autoridades não cedem à chantagem dos terroristas. Nem sequer quando a vida dos reféns está em perigo.

Uma pausa.

Pat – Acho que estamos a começar a delirar... Não, isto é uma simples quarentena e mais nada.

Dom – Acha?

Pat – É aquilo em que prefiro acreditar. Para não enlouquecer...

Max – Tem razão. Não devemos ver tudo pelo lado negativo.

Pat – O importante é que ninguém está doente... Se for mesmo uma quarentena, acabarão por nos deixar sair...

Max – De que mal poderíamos ter sido contagiados?

Dom – Curioso. Disse «de que mal», não «de que doença».

Pat – De que outra coisa é que uma pessoa se pode contagiar, se não for de uma doença?

Max – Não sei... Saiu-me sem pensar... O que acha?

Dom – Nada. Não acho nada. E, se achasse alguma coisa, não lhe diria.

Pat volta-se para os espectadores.

Pat – E aqueles continuam ali...

Max – Se calhar também não podem ir-se embora.

Pat – Serão reféns, como nós?

Dom – Se podem sair quando quiserem, não percebo porque é que ainda cá estão.

Max – Pois... Até porque aqui não se passa nada de muito interessante.

Pat – Parece um reality show. Até nós vamos acabar por ficar aborrecidos...

Entra a doutora Kim por detrás deles. É interpretada pela mesma atriz que antes fazia de Sam. Usa um fato preto de gola à Mao e exibe um sorriso de apresentadora de televisão.

Kim – Bom dia, meus queridos amigos!

Os outros três voltam-se, surpreendidos.

Pat – Ela não usa uma bata igual às nossas. Deve ser médica.

Dom – Que estranho, aquela cara não me é desconhecida...

Pat – Também tenho a impressão de já a ter visto.

Max – Talvez nos explique o que estamos aqui a fazer...

Dom – Finalmente!

Pat – Bom dia, doutora. Já podemos ir embora?

Kim – Ainda não exatamente...

Dom – Podia começar por dizer-nos quem é e porque é que estamos aqui.

Kim – Sou... a vossa reformadora.

Pat – Reformadora?

Kim – Estou aqui para vos pôr novamente em forma.

Pat – Acho que antigamente a isso se chamava inquisidora.

Dom – E amanhã chamar-se-á redentora.

Pat – Mas é médica?

Kim – De qualquer maneira, sou doutora... Sou a doutora Kim. E estou aqui para vos curar.

Dom – Curar-nos?

Kim – Digamos... trazer-vos de volta ao bom caminho. O caminho da cura...

Pat – E como pensa fazer isso?

Kim – Reformatando-vos, precisamente. Se ainda for possível...

Pat – Portanto, não têm nenhuma vacina.

Max – Que tranquilizador...

Pat – Mas afinal... Porque nos mantêm aqui presos? Já era altura de nos dizerem.

Kim – Estiveram em contacto com uma pessoa perigosa.

Max – Quer dizer... com alguém portador de um vírus perigoso?

Kim – Sim, de certa maneira. Estamos à espera de ver se vocês também foram contaminados...

Dom – Mas não nos deram tratamento nenhum!

Kim – Não existe tratamento.

Dom – Quer dizer que não existe tratamento médico?

Pat – Mas nós não temos sintomas nenhuns!

Kim – É uma afeção cujo período de incubação pode ser muito longo.

Dom – E, se tivermos mesmo esse vírus, o que vão fazer connosco?

Kim – Estamos à espera de instruções a esse respeito.

Dom – Sinto que estou a falar com um robô que tem o disco rígido riscado. Tem a certeza de que não é a doutora que tem um vírus?

Pat – A única coisa certa é que estamos há uma semana aqui fechados, sem poder falar com as nossas famílias...

Dom – Nem sequer pelo telefone!

Pat – Bloquearam a rede. Os vírus não se transmitem por telefone, pois não?

Kim – Depende de quais...

Pat aponta para o público.

Pat – E quem são todas aquelas pessoas que nos estão a observar?

Kim – Também são cobaias.

Pat – Também? Portanto, nós somos mesmo cobaias.

Kim – Queremos ver como eles reagem depois de um contacto prolongado com pessoas gravemente afetadas, como vocês.

Dom – Mas nós não temos qualquer contacto com elas!

Kim – Têm, sim. Elas ouvem-vos. E veem-vos.

Max – Sinto-me como um hamster num laboratório.

Pat – Ao menos podiam ter-nos dado uma roda para fazermos exercício.

Kim – Isto não é uma brincadeira, acreditem.

Pat – Mas então, que vírus é esse, exatamente?

Kim – Na verdade... Não é exatamente um vírus.

Max – Então o que é?

Kim – É mais uma coisa que se transmite por contacto auditivo. Ou visual. Ou ambos. Por imitação, de certa forma.

Dom – Ah, agora ficou tudo muitíssimo mais claro.

Kim – Na carruagem 13, alguém manifestou, à vossa frente, um comportamento impróprio, desviante e, portanto, perigoso.

Pat – Que espécie de comportamento?

Kim – Não se lembram mesmo?

Pat – Não.

Kim – Nenhum de vocês?

Dom – Não.

Kim – Veremos. Foi precisamente por isso que vos confinámos aqui: para verificar se são contagiosos.

Pat – Contagiosos? Mas acabou de dizer que não é um vírus!

Kim – Para garantir que não sentem a tentação de repetir esse perigoso desvio, se preferirem. E que não contagiam outras pessoas.

Pat – E quanto tempo mais vão manter-nos aqui até terem a certeza de que não somos... contagiosos?

Kim – Estamos à espera de instruções a esse respeito. Por enquanto, tentem lembrar-se.

Max – Lembrar-nos de quê?

Kim – Do que viram e ouviram na carruagem 13. Vou deixá-los refletir mais um pouco...

Pat – Mas...

Kim – Por hoje é tudo. Queridos amigos, em breve voltaremos a encontrar-nos. Entretanto, se precisarem de alguma coisa, não hesitem em avisar-nos.

Pat – Avisar-vos? Como? Estamos aqui fechados e não temos maneira de comunicar com o exterior! Nem sequer com o serviço de quartos...

Kim – Não se preocupem... Pedi e ser-vos-á dado. Procurai e encontrareis...

Dom – Batei e abrir-se-vos-á?

Kim vai-se embora.

Pat – Lembrarmo-nos...

Max – Vocês lembram-se de alguma coisa?

Dom – Não... E o senhor?

Pat – Eu também não...

Dom – Além disso, mesmo que nos lembrássemos de alguma coisa, ninguém a contaria, pois não?

Max – E porque não?

Pat (*apontando para o público*) – Recordo-lhe que nos estão a ouvir...

Dom – Isso dificilmente nos esqueceremos.

Max – Saber que estamos a ser ouvidos... ajuda a evitar comportamentos desviantes, não é?

Dom – O que é um comportamento desviante?

Pat – Desviante em relação a quê?

Max – Pois... Não sabemos...

Pat – Já não sabemos.

Dom – Certamente houve um tempo em que sabíamos... mas esquecemo-nos.

Uma pausa.

Max – A mim, isto tudo abre-me o apetite. A vocês não?

Max sai.

Pat – Ele só pensa em comer.

Dom – Pergunto-me se aquele idiota não estará aqui para nos vigiar.

Pat – Já estão a vigiar-nos, não estão?

Dom – Quero dizer, vigiar-nos por dentro.

Pat – Um espião? Podia ser qualquer um de nós.

Dom – Sim... Porque não eu?

Pat – Não me parece que seja um deles.

Dom – Se calhar a espiã é a senhora. E está a tentar pôr-me a falar.

Pat – Nesse caso, não me está a correr muito bem. Não diz nada.

Dom – Sou prudente, mais nada...

Pat – Então falo eu.

Dom – Como quiser.

Pat – Disse que não me lembrava de nada, mas... não é bem verdade.

Dom – A sério?

Pat – Lembro-me de uma coisa.

Dom – Estou a ouvir... (*Aponta para o público.*) Estamos todos a ouvi-la...

Pat – Lembro-me do casal que estava sentado ao nosso lado no comboio.

Dom – Ah, sim...?

Pat – O homem começou a contar uma história à mulher.

Dom – Uma história?

Pat – Uma história de malucos.

Dom – Gostava de a ouvir.

Pat – Um maluco encontra um espelho. Olha para ele, vê a sua cara e exclama: «A cara deste parvalhão diz-me qualquer coisa...». Outro maluco pega no espelho, olha para ele e responde: «Pois claro, esse parvalhão sou eu!»

Dom – E isso parece-lhe uma história de malucos?

Pat – De qualquer maneira, só um maluco poderia contar uma história tão absurda. Foi o que sempre nos ensinaram, não foi?

Dom – Sim...

Pat – E já conhecia essa história antes de eu lha contar...

Dom – Talvez.

Pat – Ouviu-a comigo naquela carruagem.

Dom – Admitamos que sim. E depois?

Pat – A cara da mulher ficou... como se estivesse a fazer caretas. Começou a ter espasmos da cabeça aos pés. Abriu a boca e soltou uma espécie de grito entrecortado.

Dom – Um grito? Que espécie de grito?

Pat – Ah, ah, ah!

Dom – Ah, ah, ah?

Pat – Ah, ah, ah!

Desata a rir de maneira histérica.

Dom – Mais baixo, por favor... E depois?

Pat – Não parecia sofrer. Ele olhou para ela e começou a ter os mesmos sintomas.

Dom – Então é mesmo contagioso. E depois?

Pat – Apareceram uns polícias e levaram os dois.

Dom – Estou a ver...

Pat – Claro que está. O senhor estava lá, como eu.

Dom – Não me lembro...

Pat – Não sou uma espiã. Pode confiar em mim.

Uma pausa. Ele leva-a para o fundo do palco, afastando-a do público.

Dom – Chama-se riso.

Pat – Desculpe?

Dom – Essa doença contagiosa cujos sintomas acaba de descrever. Chama-se riso.

Pat – Riso? O que é isso?

Dom – Uma doença que as autoridades sanitárias tinham conseguido erradicar. Bem, não completamente, ao que parece.

Pat – Mas em que consistia essa doença?

Dom – Uma afeção antiquíssima. Tão antiga como a humanidade. Os sintomas eram relativamente benignos, mas provocavam comportamentos desordenados. Desviantes, como eles dizem...

Pat – Mas acabei de lhe contar a mesma anedota e o senhor não se riu.

Dom – Da segunda vez nunca tem tanta graça. Além disso, perdemos o hábito de rir. Já não sabemos o que tem graça.

Pat – Graça?

Dom – Graça. Ou comicidade. Aquilo que provoca o riso. Já não sabemos rir.

Pat – E o senhor? Alguma vez... se ri?

Dom – Às escondidas, quer dizer? É que, se não... Já viu o que fazem aos que são apanhados a rir.

Pat – Então?

Ele aproxima-se dela e fala-lhe em voz baixa.

Dom – Faço parte de um grupo.

Pat – Um grupo terrorista?

Dom – Sim, se lhe quiser chamar isso. Reunimo-nos em segredo. Contamos anedotas e rimo-nos. Bem, tentamos...

Pat – Histórias de malucos?

Dom – É preciso ser maluco para troçar das autoridades? Ou até do Guia Supremo...

Pat – Mas é proibido criticar as autoridades, não é? E faltar ao respeito ao Guia Supremo é blasfémia.

Dom – Antigamente era permitido blasfemar.

Pat – Como sabe tudo isso?

Dom – Encontrámos livros.

Pat – Livros?

Dom – E jornais também.

Pat – O que são?

Dom – São como tablets, mas com as letras impressas a tinta preta sobre papel.

Pat – Como nas embalagens?

Dom – E como não circulam por nenhuma rede, é impossível controlá-los.

Pat – E, claro, são proibidos.

Dom – Houve um tempo em que não eram... Eram outros tempos.

Pat – Não me lembro.

Dom – Uma época de que toda a gente se esqueceu. As autoridades encarregaram-se disso. Queimando todos os livros, por exemplo.

Pat – O riso...

Dom – Dizem que era isso que nos tornava humanos. Que nos distinguia dos animais sociais, como as abelhas, as formigas ou as térmitas...

Pat – Ainda nos resta a inteligência.

Dom – Mas por quanto tempo...? Os professores passaram a formadores. Os políticos, a reformadores. Os informáticos passaram a «ordenadores» de pessoas e já estão quase transformados em computadores...

Max regressa. Eles interrompem a conversa e fingem despreocupação.

Pat – Comeu bem?

Dom – Estava bom?

Max – Excelente.

Pat – O que havia hoje?

Max – Pizza.

Dom – Outra vez?

Pat – Quanto tempo mais nos vão manter aqui fechados a comer pizza?

Max – Eu gosto de pizzas.

Dom – E se fugíssemos?

Max – Fugir? Mas isso é proibido, não é?

Dom – Claro... Estava a brincar.

Max – Pois claro que é proibido. Além disso, podíamos contagiar as pessoas lá fora.

Dom – O público, por exemplo. Neste momento não parecem muito inclinados a rir, mas...

Max – E, de qualquer maneira, não tardariam a encontrar-vos...

Dom – Bem... Então, que fazemos?

Pat – Ainda há pizza?

Max – Há montes delas no congelador. É só aquecê-las no micro-ondas.

Dom – Vou consigo.

Dom e Pat saem. Kim regressa.

Kim – Então, conseguiu arrancar-lhes alguma informação?

Max – Nenhuma... Começo a perguntar-me se sirvo para informador...

Kim – Também eu... Bem... Mas alguma opinião há de ter, não?

Max – Alguma quê?

Kim – O que é que pensa?

Max – Nada. A chefe sempre me disse que eu penso de mais. E que isso pode ser perigoso...

Kim – Seja como for, já temos um processo sobre eles.

Max – E sobre mim? Também tem um processo?

Kim – Claro! Foi o senhor que o escreveu, depois de se denunciar à polícia para receber a recompensa. Não se lembra?

Max – Sim, sim... Custou-me dez anos de internamento para me trazerem de volta ao bom caminho, como diz a chefe.

Kim – Se toda a gente fosse como o senhor, teríamos muito menos problemas. Acredite.

Max – Tem a certeza de que aquela gente é perigosa, chefe?

Kim – Ainda tem dúvidas?

Max – Não, claro que não...

Kim – Já que não consegue arrancar-lhes a mínima informação, vai escrever outro relatório sobre si próprio. Uma lista de todos os seus pensamentos desviantes. Quero-o amanhã de manhã na minha secretária.

Max – Sim, chefe.

Max olha em redor e também para o público.

Kim – Em que está a pensar agora?

Max – Em nada, garanto-lhe.

Kim – Estou a ver que está a pensar em alguma coisa! Em quê?

Max – Estava a perguntar-me... Que lugar é este?

Kim – Um teatro abandonado.

Max – Um teatro?

Kim – Um lugar onde antigamente as pessoas se juntavam para rir umas com as outras.

Max – Para rir?

Kim – Naquele tempo era permitido. Podia-se trocar de tudo. Até das autoridades.

Max – Até do Guia Supremo?

Kim – Até de nós próprios.

Max – Ainda bem que esses tempos ficaram definitivamente para trás.

Kim – Sim... Não me diga que continua a pensar em alguma coisa...

Max – Vou escrever o meu relatório.

Max sai. Kim aproxima-se do público.

Kim – E vocês, como estão? Nenhum sintoma preocupante? Nenhum ataque de riso inoportuno? Bem, se se portarem bem, daqui a pouco deixamo-vos sair...

Kim sai. Dom e Pat regressam.

Dom – Acha que era ela?

Pat – Quem?

Dom – A Sam! Acha que é uma espiã?

Pat – Então já não acha que possa ser eu?

Dom – Não.

Uma pausa.

Pat – Lembra-se perfeitamente daquele casal.

Dom – Que casal?

Pat – O homem que conta uma história a uma mulher e os dois se riem.

Dom – E porque acha que me lembro?

Pat – Porque aquele casal éramos nós.

Dom – Sim, talvez. *(Pausa)* Nunca se tinha rido antes?

Pat – Não. Não sabia o que me estava a acontecer. Era como se... tivesse perdido o controlo... Tive um bocadinho de vergonha.

Dom – Compreendo. A primeira vez é sempre assim.

Pat – E o senhor? Já se tinha rido com outras mulheres?

Dom – Sim. Com outras mulheres. E também com outros homens. Às vezes vários ao mesmo tempo.

Pat – Vários ao mesmo tempo...?

Dom – E gostou?

Pat – Eu... Não sei...

Dom – Gostou.

Pat – Sim...

Dom – Vai ver, depois uma pessoa já não consegue passar sem isso.

Pat – É precisamente isso que me assusta. E foi por isso que nos fecharam aqui, não foi?

Dom – Sim... Os outros dois, que estavam sentados à nossa frente, deviam ser polícias.

Pat – Foram eles que nos trouxeram para aqui. Usavam máscaras, mas reconheci-lhes as vozes.

Dom – Portanto, já sabia.

Pat – Sim. Mas por que razão os preocupa tanto que duas pessoas se riam?

Dom – Sabem que o riso tem um efeito devastador.

Pat – Devastador? Quer dizer que faz mal à saúde?

Dom – À saúde, não. Antes pelo contrário. O riso é perigoso é para eles.

Pat – E porquê?

Dom – Quando começamos a rir de tudo, ficamos menos ingénuos e, por isso, muito menos dóceis. O riso é subversivo...

Pat – E o que vão fazer connosco?

Dom – Não sei. Têm medo de nós.

Pat – Medo?

Dom – Têm medo de que o riso seja contagioso. E que a epidemia acabe por arrasar todo o sistema. E a eles também...

Pat – Acha que nos podem matar?

Dom – Certamente já pensaram nisso. Mas não podem matar toda a gente...

Pat – Então que fazemos?

Dom – Quer que lhe conte outra?

Pat – Outra anedota?

Dom – Se é para morrer, ao menos que seja a rir...

Pat – Aviso-o de que sou casada.

Dom – Não se preocupe. Rir não é propriamente trair.

Pat – Estou a ouvir...

Dom – Ora, esta é a história de um...

Pat – Aqui não. Acho que nos estão a ouvir...

Dom – Tem razão... É melhor irmos para o meu quarto...

Saem. Kim e Max regressam.

Max – Aqui tem, chefe, o meu relatório.

Kim – Não é muito extenso... Tem a certeza de que não se esqueceu de nada?

Max – Tenho a certeza absoluta, chefe.

Kim – Onde se terão metido? Espero que não tenham fugido...

Max – Devem estar nos quartos.

Ouvem-se as gargalhadas de Dom e Pat fora de cena.

Kim – Agora já não restam dúvidas.

Max – Sim... Contraíram mesmo o vírus.

Ouvem-nos rir outra vez. Ambos ficam incomodados e, ao mesmo tempo, um pouco perturbados.

Kim – Alguma vez se riu?

Max – Não. E a chefe?

Kim – Parece doloroso, não parece?

Max – Não sei. Já lhe disse que nunca me ri. Está a tentar pôr-me à prova outra vez?

Ouvem-se novas gargalhadas fora de cena.

Kim – Desta vez não temos alternativa. Temos de informar a Autoridade...

Escuro.

Ato 3

Kim está de pé, ainda com o fato de gola à Mao. Dom, Pat e Max estão sentados. Dom e Pat continuam a usar as suas batas de paciente azuis, cor-de-rosa ou verdes, mas Max veste agora uma bata branca de enfermeiro.

Kim – Queridos amigos, antes de mais, obrigada por terem aceitado o nosso convite.

Pat – Também não tínhamos grande escolha...

Dom – Estamos presos!

Kim pigarreia e continua como se nada fosse.

Kim – Pois bem, reuni-vos aqui para uma terapia de grupo.

Pat – Quer dizer, um interrogatório...

Kim – Sabemos que dois de vocês tiveram um ataque de riso desde que chegaram. Isso prova que um deles já estava contaminado antes de entrar em quarentena e que o outro contraiu o vírus ao entrar em contacto com ele.

Dom – Se já sabem, para quê esta farsa de investigação?

Kim – Esperamos que os culpados se denunciem a si próprios. Faz parte da terapia...

Max – Nós, a rir? Mas nem sequer sabemos o que isso quer dizer! Não é verdade, amigos?

Pat – Já chega, deixe-se disso... Já percebemos que é um espião.

Max – Mas garanto-vos que...

Dom – E um péssimo espião, ainda por cima.

Max – Está bem, talvez seja um infiltrado, mas não sou um espião. Espiões são os que estão do lado errado. Nós estamos do lado certo, não estamos, chefe?

Kim – Este senhor não é um espião. É um informador.

Dom – E a senhora, o que é exatamente?

Kim – Sou a vossa reformadora.

Dom – Uma reformadora?

Kim – Estou aqui para vos reformatar.

Dom – Esse não é o sentido original da palavra «reformador».

Kim – Vá ao dicionário e verá!

Dom – Mas vocês reescreveram o dicionário inteiro! Eu encontrei uma enciclopédia antiga e sei o que significavam todas essas palavras antes.

Kim – Cabe agora à Autoridade definir o significado de cada palavra, tendo apenas em conta o bem da Nação.

Dom – Reescreveram tudo, até a Bíblia! Substituíram Deus pelo Guia Supremo! E queimaram todos os livros para apagar qualquer vestígio do passado!

Kim – Ao que parece, não todos, já que o senhor parece ter lido alguns.

Dom – Tudo o que hoje podemos ler está num ecrã, através de uma rede que vocês controlam completamente.

Pat – Portanto, querem reformatar-nos... Apagar o disco rígido e reinstalar o sistema operativo, é isso?

Dom – E instalar um antivírus, provavelmente...

Kim – O riso cria uma dependência muito forte. Depois de nos rirmos uma vez, sentimos sempre a tentação de repetir.

Pat – Portanto, para si o riso é uma droga?

Dom – Uma droga leve, pelo menos.

Kim – A dependência do riso é como a dependência do álcool. Nunca se fica completamente curado. Podemos abster-nos de rir, mas a tentação está sempre presente.

Max – Uma vez alcoólico, alcoólico para sempre.

Kim – O senhor sabe do que fala. Esteve dez anos num centro de desintoxicação. Bebia álcool às escondidas. E foi o próprio que se denunciou à polícia.

Max – Agora já não bebo.

Dom – Mas a comer, continua...

Max – Então esta terapia é como uma reunião dos Alcoólicos Anónimos, não é?

Kim – Exatamente... Uma reunião dos Risonhos Anónimos.

Pat – Cujo objetivo é desmascarar os que se riem às escondidas.

Kim – Exatamente.

Dom – E como pensa conseguiu-lo?

Kim – Vou contar-vos uma história. Uma história com graça, segundo dizem. Veremos quem desata a rir.

Pat – Estou a ver. Um teste de despistagem, em suma.

Dom – É curioso, mas, seja qual for a história que conte, duvido muito que consiga fazer rir alguém.

Kim – E porquê?

Dom – Porque, para rir, é preciso estar entre pessoas que também queiram e em boa companhia.

Pat – Aqui está a dizer-nos, em poucas palavras, que o primeiro a rir vai parar a um campo de reeducação.

Dom – Ou, pior ainda, é executado.

Kim – Como adivinharam?

Pat – Já estou a morrer de rir...

Kim – Bem, de qualquer maneira, vou contar a minha história.

Max – Estamos a ouvir, chefe.

Kim – Um maluco encontra um espelho. Olha para ele, vê a sua cara e exclama: «A cara deste idiota diz-me qualquer coisa». Outro maluco pega no espelho, olha para ele e responde: «Pois claro, sou eu».

Max – Que estupidez.

Kim – É precisamente por isso que tem graça, não é? Pelo menos, acho que sim.

Dom – Bem, também depende da maneira como se conta.

Pat – E, sobretudo, de quem a conta.

Kim – Acha?

Pat – Saber que nos vão executar se nos rirmos não ajuda muito.

Kim – Parece-lhe?

Pat – Pois não.

Kim – Percebo o que quer dizer... Então fazemos assim... O primeiro a rir leva uma palmada! Quem quer jogar comigo?

Os outros mantêm-se em silêncio.

Max – Eu jogo consigo, chefe.

Kim – Muito bem... Se te rires, perdes...

Cada um pega num copo com água, dá um gole e fica com a água na boca. Depois, seguram-se mutuamente pelo queixo. Permanecem durante bastante tempo imóveis, sem falar, a olhar-se fixamente nos olhos, com um ar muito sério. Os outros observam-nos, perplexos. Aos poucos, Max começa a sorrir, até soltar uma gargalhada e cuspir a água que tinha na boca para a cara de Kim. Como o riso é contagioso, os outros desatam também a rir.

Kim – Portanto, estão todos contaminados...

Dom – Já é um dos nossos, ri-se como nós...!

Kim (a Max) – Bem, agora está mesmo de quarentena.

Max tenta ficar sério.

Max – Às suas ordens, chefe.

Mas Max não consegue deixar de se rir.

Kim – Acha graça?

Max – Claro que não! Bem, sim, mas...

Dom – Está a ver? A doutora também consegue ter graça quando quer. Bem, quando não quer...

Todos continuam a rir, quase histericamente. Kim parece muito incomodada e até assustada com as gargalhadas.

Kim – Ordeno-vos que parem de rir!

Mas os outros, tomados pelo riso, não conseguem parar. Kim tapa os ouvidos e sai precipitadamente. Dom, Pat e Max vão parando de rir aos poucos.

Dom – Então, o que é que sentiu?

Max – Rir? Não sei... Pensava que doía. Afinal, é bastante agradável.

Pat – Muito agradável...

Max – E que alívio!

Dom – E pensar que antigamente era permitido rir em público...

Pat – Como chegámos a isto?

Dom – Tudo começou há muito tempo, mas foi acontecendo aos poucos. Primeiro, proibiram-nos de rir de certas coisas. Da religião, para começar...

Max – E das autoridades, claro.

Dom – Depois transformaram o Guia Supremo num novo Deus, e qualquer crítica passou a ser uma blasfémia.

Max – Também proibiram o álcool, porque, quando estamos bêbedos, rimo-nos com mais facilidade.

Dom – A Autoridade tinha elaborado uma lista de assuntos sobre os quais ainda se podiam fazer piadas. Com os anos, a lista foi ficando cada vez mais curta.

Max – Acabaram por decidir que o mais simples era proibir o riso.

Dom – E foi assim que, pouco a pouco, de não podermos rir de tudo passámos a não poder rir de nada...

Max – No fim, nem sequer podíamos rir de nós próprios...

Dom – Nem os pobres podiam rir das suas próprias desgraças.

Pat – E como conseguiram impor essa proibição?

Dom – As autoridades começaram a tratar o riso como uma doença mental. Quem era apanhado a rir era imediatamente internado.

Max – E, claro, eliminámos tudo o que pudesse dar vontade de rir.

Dom – Proibição dos jornais, encerramento dos teatros, autocensura generalizada...

Max – Os palhaços, os humoristas e os atores eram considerados terroristas perigosos.

Dom – O riso era tratado como a lepra noutros tempos. Algumas pessoas foram emparedadas vivas nas suas casas porque as tinham ouvido rir.

Max – Também obrigaram toda a população a usar máscara.

Dom – Sob o pretexto de nos protegerem de um vírus. Na verdade, queriam impedir que se visse o menor sorriso em qualquer rosto. Aquelas máscaras tinham-se transformado em açaimes.

Max – Como acontecia em certas religiões antigamente.

Dom – Antes de a Autoridade se tornar a única religião.

Max – Aos poucos, deixou de se ouvir alguém a rir.

Dom – Ao proibirem o riso, naturalmente, também proibiram a crítica e o protesto.

Max – Acabaram os conflitos sociais, os debates políticos e, portanto, as eleições.

Dom – Como já acontecia em muitas ditaduras, laicas ou religiosas.

Max – A Autoridade julgava ter erradicado definitivamente esse mal. Mas ultimamente reapareceram alguns casos isolados. Como vocês.

Pat – E o que vão fazer connosco? Matar-nos?

Max – Antes de vos eliminarem, já que vos consideram risinhos impenitentes e, por isso, incuráveis, queriam usar-vos para fazer experiências.

Pat – Experiências?

Max – Estudar a reação do público em contacto convosco, observar como se propaga o mal e avaliar os estragos que o riso pode causar numa população saudável.

Pat observa o público.

Pat – Então era suposto fazermos o público rir?

Dom – Mal conhecemos meia dúzia de anedotas fraquinhas...

Pat – Vamos ter de aprender novamente a rir e a fazer rir.

Uma pausa.

Max – Mas o que acontecerá se o Guia Supremo nos abandonar?

Dom – Não será o fim do mundo. Antes um novo começo. Os formadores voltarão a ser professores. E os reformadores, políticos...

Max – E os informadores como eu? Não sei fazer nada! O que vai ser de mim?

Dom – Se não sabe fazer nada, pode sempre ser ator.

Escuro.

Ato 4

Pat anda de um lado para o outro, preocupada. Aproxima-se do público.

Pat – Não se preocupem, em breve também vos deixarão sair. Pelo menos, assim espero...

Entra Dom.

Dom – Então, alguma novidade?

Pat – Nenhuma. Pareceu-me ouvir alguma agitação lá fora, mas o som chega muito abafado.

Dom – Os teatros são sempre muito bem insonorizados.

Pat – Onde se meteu o espião?

Dom – Está a acabar com as pizzas...

Pat – Continuamos aqui fechados, isolados do mundo. Não temos notícias do exterior há dias.

Dom – Quando se acabar tudo o que há no congelador, vamos morrer de fome. Nós, que pensávamos morrer a rir...

Pat – Acha que vamos sair daqui vivos?

Dom – Mas já não estávamos mortos antes de nos porem de quarentena...?

Pat – Tem razão. A única doença de que sofremos há muito tempo é o pessimismo crónico.

Dom – E o riso seria precisamente o seu antídoto.

Max regressa.

Max – Estou a ouvir ruídos estranhos lá fora... Vocês não?

Dom – Não...

Os três apuram o ouvido.

Pat – Ah, sim, talvez... Vêm de muito longe...

Dom – Parecem... explosões, não?

Max – Explosões? Explosões de riso, então.

Kim regressa, transtornada e com a roupa em desalinho. Traz um sinal de proibição de rir: uma cara às gargalhadas, desenhada como um emotícone numa folha de papel, dentro de um círculo vermelho e atravessada por um traço diagonal.

Max – Não tem bom aspeto, chefe. O que se passa?

Kim – A situação mudou...

Max – E, pelo que vejo, não foi para melhor.

Kim – Depende de para quem.

Max – A epidemia está a espalhar-se?

Kim – Infelizmente, transformou-se numa pandemia à escala mundial. Uma crise de riso completamente fora de controlo. Um ataque de riso generalizado. Chegam-nos notícias de explosões de riso por toda a cidade.

Max – É assim tão grave?

Kim – Há gargalhadas em todas as esquinas. A polícia está completamente ultrapassada. Pior: muitos polícias já morreram de tanto rir... Riem-se até lhes doerem os maxilares! Riem-se até lhes rebentarem as costelas! Dobram-se a rir! Rebolam pelo chão a rir! Riem-se como uns perdidos! Riem-se que nem uns malucos! Riem-se até cair para o lado! Mijam-se a rir! Choram a rir!

Max – Ah, também se pode chorar a rir?

Kim – Conhece o ditado «quanto mais loucos, mais nos rimos»?

Max – Não.

Kim – Pois garanto-lhe que o mundo inteiro enlouqueceu!

Dom – Portanto, a revolução já começou...

Kim – Todo o nosso sistema está a desmoronar-se. As autoridades demitiram-se e o Guia Supremo abandonou o país.

Max – O Guia Supremo? E para onde foi?

Kim – Pediu asilo político no Vaticano. Ao menos lá não corre o risco de morrer a rir.

Pat – E o que vão fazer connosco?

Kim – Já não vale a pena manter-vos de quarentena. Estão livres.

Dom – Finalmente... Mal posso esperar por ver isso. Pessoas a rir no meio da rua, nos transportes públicos e, quem sabe, amanhã até nos cinemas e nos teatros.

Kim – A mim não me faz graça nenhuma.

Pat – Vá lá! Venha partir-se a rir connosco!

Dom – Conhece esta anedota? Era uma vez um maluco que queria proibir o riso no mundo inteiro...

Max – E no fim é ele que morre a rir.

Os outros desatam em gargalhadas. Kim começa a ter um ataque de riso nervoso que depressa se transforma em convulsões, até cair inanimada. Pat inclina-se sobre ela.

Pat – Está morta! É mesmo possível morrer a rir?

Max – É um fenómeno observado recentemente. Os responsáveis da Autoridade caem fulminados quando são expostos a uma explosão de gargalhadas.

Dom – Era por isso que queriam travar a epidemia a todo o custo.

Pat (*a Max*) – Mas o senhor não morreu.

Max – Provavelmente porque eu já tinha deixado de acreditar naquilo tudo...

Dom – Estava vacinado, por assim dizer. Como nós!

Pat – Então somos livres?

Dom – Livres para voltar a rir de tudo!

Pat – E pensar que achávamos que estávamos aqui por causa da gripe aviária ou do Tsingtaovírus.

Max – E agora o que vamos fazer?

Dom – Vamos aprender de novo a rir. Vamos aprender de novo a viver.

Pat – Tenho um bocadinho de medo...

Dom – É normal. Ao princípio, os escravos libertados não sabem o que fazer com a sua liberdade.

Max – Então posso voltar a beber?

Pat – Claro! Mas talvez já nem precise disso.

Max – Que maravilha! Embora seja verdade que assusta um pouco.

Dom – Sim... Somos as pombas de um mágico morto.

Max – O que quer dizer?

Dom – Nascemos de um truque de magia. Mas o mágico que nos fez surgir do nada já não está cá. Não sabemos nada da ilusão que nos deu vida e já não sabemos muito bem o que fazer com as nossas asas...

Pat – Que bonito, o que disse.

Dom – É poesia.

Pat – Poesia?

Dom – Outra coisa que tinham proibido.

Pat – Há mais coisas assim?

Dom – Muitas mais! O orgasmo, por exemplo. Também não sabe o que é?

Pat – Já lhe disse, sou casada...

Dom – Depois mostro-lhe, em privado... Vai ver. O orgasmo está para o amor como o riso para a inteligência, ou o espirro para a constipação. Não cura, mas alivia logo.

Kim recupera os sentidos.

Pat – Olhe, afinal parece que não estava completamente morta.

Max – Ela também já não devia acreditar assim tanto naquilo tudo.

Kim – O que me aconteceu?

Pat – Teve um ataque de riso. Não se preocupe, já passa.

Max – E o público? Tínhamo-nos esquecido dele.

Dom – Agora que podemos voltar a fazê-lo rir sem sermos castigados...

Max – Temos autorização, chefe?

Kim – Afinal de contas, estamos num teatro.

Dom – Então teremos de inventar anedotas novas.

Kim – Sim, porque ainda não percebi a história dos malucos que se olham ao espelho...

Dom – Na verdade, é uma história simbólica.

Kim – Simbólica? E agora o que é isso?

Dom – O humor é um espelho. O espelho que os atores põem diante do público para que possa rir dos seus próprios defeitos.

Pat – E todos podemos reconhecer-nos nesse espelho.

Dom – Todos. Menos os malucos, que preferem partir o espelho para não verem a careta que ele lhes devolve.

Max – Então, vamos rir!

Dom – É a nossa liberdade. E, como dizia um humorista do século passado: «A liberdade só se desgasta quando não a usamos».

Pat – Vamos rir juntos, mas vamos rir de tudo...

Max – Porque, se hoje já não podemos rir de tudo, amanhã não poderemos rir de nada.

Max agarra no sinal de proibição de rir e enfia-o na cabeça de Kim. Todos desatam numa sonora gargalhada, que pode ser reforçada por risos gravados.

Escuro.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está
cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Abril 2022
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-619-4

Documento para download gratuito